

A estranha relação do sujeito com a língua materna: algumas reflexões  
sobre língua e identidade

Fabiele Stockmans DE NARDI

[fabielestockmans@hotmail.com](mailto:fabielestockmans@hotmail.com)

Universidade de Caxias do Sul (UCS)

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) (Doutoranda)

A linguagem  
na ponta da língua  
tão fácil de falar  
e de entender.

A linguagem  
na superfície estrelada de letras,  
sabe lá o que ela quer dizer?

Professor Carlos Góis, ele é quem sabe,  
e vai desmatando  
o amazonas de minha ignorância.  
Figuras de gramática, esquipáticas,  
atropelam-me, aturdem-me, seqüestram-me.

Já esqueci a língua em que comia,  
em que pedia para ir lá fora,  
em que levava e dava pontapé,  
a língua, breve língua entrecortada  
do namoro com a prima.

O português são dois; o outro, mistério.

Aula de português. Carlos Drummond de Andrade<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Disponível em: <http://memoriaviva.digi.com.br/drummond/index2.htm>. Acesso em: 01 de outubro de 2005.

Carlos Drummond de Andrade, em sua Aula de português, dá um testemunho do outro da língua, de sua duplicidade. Ao falar que o português são dois, o poeta parece, ao mesmo tempo em que clama pelo retorno à materna língua - que lhe pertencia, que lhe era familiar; língua fácil de falar e de entender, língua de viver, íntima língua da qual foi arrancado -, revelar - aturdido, atropelado, seqüestrado - o desconfortável encontro com essa outra língua, estranha.

É desse sentimento de desconforto e distanciamento que falaremos nessa breve exposição, na qual, partindo das noções de língua, sujeito e identidade, proporemos um questionamento sobre a noção de estranho, pensando-a em relação à língua. Faremos isso com vistas a discutir como, por vezes, a língua materna passa a ser uma língua estranha, e, o sujeito, um estrangeiro na própria língua.

A tríade lacaniana e a construção da identidade: o sujeito e a língua entre o familiar e o estranho

Estabelecer-se entre intervalos, pensar as relações, os espaços vazios, a multiplicidade. Essa foi a trajetória sempre percorrida pela AD, que, disposta a diálogos contínuos, foi por meio deles traçando os contornos que definem a especificidade das noções teóricas trabalhadas em seu território. Isso não foi diferente com língua e sujeito, noções fundamentais para a AD, que sempre se preocupou em mostrar sua íntima relação.

Toma-se, em AD, uma posição materialista<sup>2</sup> diante da língua, a qual implica colocar em causa, constantemente, a relação entre língua, discurso e história, e mais, como dizia Gadet (1978), pensar o inconsciente na língua. Se na psicanálise se pode dizer que é pela linguagem que se fazem ver as formações do inconsciente, cujo sussurro é carregado pelo significante; em AD, da mesma forma, afirmamos que é na prática discursiva que o histórico, o social e o ideológico se manifestam, deixando suas pistas cravadas na língua, uma língua marcada pela presença do real lacaniano, a presença do que lhe falta.

---

<sup>2</sup> MILNER, 1996.

Enquanto simbólico e imaginário nos remetem, respectivamente, ao campo da linguagem, do significante, e ao campo do sentido, do eu, o real atesta a presença constante da falta na estrutura. É a categoria do impossível que emerge com sua teorização, uma vez que o real aparece como o impossível de ser simbolizado, podendo ser visto como pertencente à ordem da resistência; uma existência resistente, presença que escapa à simbolização.

Essa resistência está também na língua da AD, que é não-toda; língua do impossível de que falou Milner (1996) ao trabalhar o real como aquilo que atesta a presença constante da falta na estrutura e representa o espaço do desejo na língua, o espaço do indizível. Milner utiliza o termo *alíngua*, cunhado por Lacan, para falar daquilo que não se pode dizer na língua, desse intraduzível que a habita, desse estrato da língua que não se deixa representar, mas que a individualiza. A *alíngua* marca o encontro entre língua e inconsciente, marcando, também, a possibilidade de que existam sujeitos falantes.

Se ao mergulharmos na teoria do discurso deixamos de pensar a transparência da língua, abandonamos, também, a concepção do sujeito como uma unidade, para caminhar na direção dos lugares em que a língua é atravessada pelo efeito-sujeito. Torna-se, necessário, portanto, pensar um sujeito descentrado, cuja constituição é um processo em constante movimento. Daí a necessidade de se trabalhar com as dimensões ideológica e inconsciente<sup>3</sup> desse sujeito em construção, concebendo-o como fragmentado.

Nesse sentido a AD traça uma trajetória muito parecida àquela da psicanálise que, segundo Elia (2004), opera sobre um sujeito que é o seu. O sujeito da psicanálise se produz na passagem do imaginário ao simbólico<sup>4</sup> e distingue-se radicalmente do eu, produto de uma identificação imaginária, por seu caráter cindido, uma vez que não há identificação absoluta na ordem do sujeito, dividido entre dois significantes que, articulados entre si, formam uma cadeia e tornam

---

<sup>3</sup> É importante lembrar, no entanto, como o fez Pêcheux, da impossibilidade de se sobrepor a teoria do discurso por ele desejada às teorias do inconsciente e da ideologia, já que, embora elas sirvam como base para a construção das reflexões sobre o sujeito, sempre há, no trabalho de apropriação dessas teorias, um exercício interpretativo que, de alguma forma, as ressignificam, retirando-as de sua especificidade.

<sup>4</sup> Jorge (2000, p. 46) diz que *o simbólico é o registro que permite ao falante mediatizar o encontro com o não-senso do real*, o que nos leva a pensar que é ele o responsável por fazer a ponte entre imaginário e real, entre o desejo da unidade e a insistência da falta.

possível a produção de sentidos. Longe de dominar os efeitos que se produzem em uma cadeia significativa, o sujeito é antes envolvido por esses sentidos, envolvido pela força do significante, unidade mínima do simbólico<sup>5</sup>. O movimento dos significantes se dá num jogo de articulações e diferenças, uma vez que, radicalmente diferentes entre si, eles, no entanto, só produzem sentido em sua articulação, ou seja, em cadeia, num movimento intervalar em que o sujeito se constitui como um ser-entre e, portanto, dividido.

É das formações do inconsciente que está falando Lacan ao construir a sua tríade, inconsciente que é estruturado em linguagem e que aparece como um saber Outro ao qual não se tem total acesso, um saber que emerge pelo significante, como uma tentativa de preencher a falta que, no entanto, nunca se deixa suprir completamente. O inconsciente se faz escutar pelas palavras do sujeito.

O que se pode notar é que tanto na psicanálise como na AD o sujeito é sempre um ser-em-falta, envolto pela linguagem, imerso em um discurso que é fluxo, movimento constante de sentidos, lugar de uma real resistência que permite aos sentidos derivar.

“Sujeito e linguagem se apresentam como estruturas que comportam esse furo, o qual se manifesta pelo estranho, enquanto categoria desencadeadora da ruptura. Linguagem, em Lacan, é o sistema que está em jogo como língua. Este sistema precede o sujeito e o condiciona. Há aqui um ponto de aproximação entre o sujeito da psicanálise e o do discurso. Ambos são determinados e condicionados por uma estrutura, que tem como singularidade o não-fechamento de suas fronteiras e a não-homogeneidade de seu território. Dessa forma, sujeito, linguagem e discurso poderiam ser concebidos como estruturas às quais se têm acesso pelas falhas.”(FERREIRA, 2004, p. 43)

---

<sup>5</sup> (...) significante é o que representa um sujeito para outro significante. (COUTINHO JORGE; FERREIRA, 2005:46)

Se pensarmos a ideologia como um mecanismo de produção dos saberes, processo por meio do qual se constrói o imaginário, já que alude, ainda que de forma imaginária, às condições reais de existência, é possível dizermos que ideologia e inconsciente<sup>6</sup> possuem estruturas-funcionamentos semelhantes, e que, assim como é pela linguagem que se estrutura o inconsciente, é também pela/na relação sujeito-linguagem que a ideologia se faz presente como aquilo que constrói, para o sujeito, um lugar de dizer, o qual é a ele garantido pelo próprio movimento incessante/compulsório da interpelação<sup>7</sup>. Decorre disso a possibilidade de se dizer que a ideologia é o modo particular com que cada sujeito se relaciona com a linguagem e que produz, para ele, o seu lugar no interior do conjunto das formações sociais.

A noção de real, pensada como aquilo que representa, nas diversas ordens que habita, a presença da falha, da falta, do impossível, é, portanto, mais um elo entre ideologia e inconsciente, já que a interpelação ideológica também é afetada por esse real, por essa (des)identificação que paira como um fantasma da identidade. Ideologia e inconsciente nos permitem pensar o sujeito como um efeito, um trabalho da linguagem, ou, como diz Elia (2004, p. 70), uma suposição do significante que se impõe a nós; é um efeito do simbólico.

A concepção de sujeito da AD, de um sujeito atravessado por ideologia e inconsciente, possibilita, ao promover o cruzamento entre essas duas ordens, a instauração de uma nova forma de se pensar a identidade, marcada por essa ligação material entre a interpelação ideológica e o inconsciente como discurso do Outro. O processo de interpelação-identificação é responsável, como já dissemos, pela criação das evidências e caracteriza-se por uma relação de identidade e divisão entre o sujeito e a FD com que se identifica, uma formação discursiva em que convivem regularidade e contradição, uma FD heterogênea que é entendida como o lugar de constituição do sentido. Esse processo marca a entrada do sujeito no simbólico, a qual é, no entanto, apagada pela sua evidência como unidade; processo marcado pela resistência, pela falha, a identificação abre a possibilidade de que os discursos

---

<sup>6</sup> Exploramos de forma mais detalhada essa discussão em DE NARDI, 2002, p. 52-78.

<sup>7</sup> Processo passível de falhas, como não deixou de observar Pêcheux, o que nos impossibilita tomar como absoluta, completa e imutável a interpelação, que é um processo dinâmico e plural.

venham a reestruturar-se e, com eles, a identidade construída para/pelo sujeito. A identidade é, portanto, uma construção instável, fragmentada, não-toda, que sofre as oscilações constantes do processo discursivo. Construção imaginária com aparência de totalidade, ela permite ao sujeito identificar-se como o eu do discurso.

É por essa identificação imaginária, pela relação do sujeito com a língua(gem) que ele forja a sua identidade, que aparece como a marca de sua diferenciação em relação ao outro, ao que lhe é exterior (e constitutivo), daí a falsa aparência de que o sujeito conquista uma unidade interna. Longe disso, o que ocorre é que ele surge como um efeito do dizer, já que os processos de identificação são processos de linguagem, e é por meio de efeitos ideológicos e imaginários que se dá a identificação do sujeito com uma FD, a qual, para ele, tornar-se-á dominante, silenciando os outros efeitos de sentido possíveis. Por isso termos dito<sup>8</sup> que a identificação é um processo que ganha vida na relação do sujeito com a linguagem, e que a identidade, como efeito desse processo, é constitutivamente incompleta, já que um novo dizer poderá ser capaz de forjar uma nova identidade.

A construção da identidade conforme a concebem psicanálise e análise de discurso é um processo que passa pela língua, que, representando para o sujeito a dimensão simbólica, cria a possibilidade de que haja identificação. Ao falarmos de identidade e sujeito, falamos, portanto, de língua e de sujeitos, já que entramos no espaço do simbólico, de uma mediação simbólica que permite a produção-compreensão de uma língua. Essa imersão no simbólico que possibilita ao sujeito colocar-se na língua<sup>9</sup>.

A relação entre identidade e língua materna pode ser pensada, a partir Revuz (1998), quando fala dos processos por que passa o sujeito em situações de ensino-aprendizagem de segunda língua. Segundo ela, nessas situações, há sempre um (re)encontro do sujeito com a sua língua materna, uma vez que esse processo torna visível para o sujeito a relação existente entre ele, a língua materna e sua forma de aprendizagem. O que se faz é permitir a emersão de algo muito

---

<sup>8</sup> DE NARDI, 2002

<sup>9</sup> Esse movimento é revivido pelo sujeito quando colocado diante da necessidade de tomar a palavra numa segunda língua, já que esse processo não se dá sem que ocorra uma modificação nas formações discursivas do sujeito aprendiz.

específico que guardamos em relação à nossa língua e que se manifesta justamente quando encontramos a língua do outro, que surge, assim, como um novo lugar a partir do qual o sujeito poderá olhar para o que acredita ser (ou ter sido, sempre) seu.

O estrangeiro atravessa a língua - lugar de reconstruções -, pois, como mostra Koltai (2000, p. 17), o encontro do sujeito com o estrangeiro produz uma espécie de reconstrução da relação imaginária experimentada por esse sujeito. Tem-se, assim, um encontro com o Outro especular por meio do qual forjamos nossa própria identidade e que, até então, não era para o sujeito mais que uma sombra (não reconhecida) de seu eu. Esse encontro, diz a autora, coloca o sujeito diante da necessidade de fazer existir fora de si o que lhe é interior. O estrangeiro surge, desse modo, como a prova mais consistente da fragilidade, da instabilidade de nossa identidade, que acreditamos sempre inabalável.

A noção de estrangeiro, conforme foi concebida por Koltai, é tida como um lugar fronteiro entre, segundo ela, o singular subjetivo e o social, fronteira nomeada, lembra, sempre na língua do outro. O estrangeiro é, portanto, o que vem de fora, o que é incompreensível, o fora do comum, o que não se reconhece, que é não-familiar, o estranho; estranhamento do sujeito com o diverso, com o diferente, esse estranho que pelo discurso surge como um conceito (para ela, também político). A psicanalista, ao analisar a noção de estrangeiro, acaba por nos mostrar que esse conceito emerge pela criação de um lugar simbólico a partir do qual se nomeia aquilo que não é o familiar. O reconhecimento do estrangeiro é, portanto, um movimento de linguagem - assim como o é a nossa identidade -, movimento de linguagem que cria o que é avesso ao reconhecimento do idêntico. O estrangeiro nasce do estranhamento, desse estranho que nos perturba, que amedronta.

Pensar no estranho é sempre pensar, de alguma, forma, no que está distante, naquilo que ameaça por ser de fora, por estar fora, por não nos pertencer. O tema do estranho foi tratado por Freud (1976, p. 277), em artigo de 1919, no qual ele fala do estranho como aquela categoria do assustador que remete ao que é conhecido, de velho, e há muito familiar. Freud se debruça sobre a palavra alemã 'unheimlich'

para analisar a questão do estranho, comparando-a com ‘heimlich’, que designa o doméstico, o familiar. ‘Unheimlich’ seria, então, o não familiar, o desconhecido, aquilo que não se compreende. Siniestro, o estranho causa temor, opondo-se ao que nos pertence, ao domesticado, ao íntimo e confortável, ao seguro.

Apesar da aparente oposição, há, percebe Freud, um ponto de encontro entre esses dois pólos, um lugar em que eles se tocam sem se opor; espaço em que o estranho aparece como o familiar que foi silenciado e que retorna.

Em geral, somos lembrados que a palavra ‘heimlich’ não deixa de ser ambígua, mas pertence a dois conjuntos de idéias que, sem serem contraditórias, ainda assim são muito diferentes: por um lado significa o que é agradável e familiar e, por outro, o que está oculto e se mantém fora da vista. ‘Unheimlich’ é habitualmente usado (...) apenas como o contrário do primeiro significado de ‘heimlich’, e não do segundo.

(...) ‘heimlich’ é uma palavra cujo significado se desenvolveu na direção da ambivalência, até que finalmente coincide com seu oposto, ‘unheimlich’. (FREUD, 1976, p. 282-283).

O estranho, em algum momento, é, portanto, idêntico ao familiar, está nele, escondido, silenciado, mas latente, prestes a se fazer ouvir.

Também como o duplo (amplamente explorado na literatura) a noção de estranho aparece no texto do psicanalista, que compreende o funcionamento do duplo como um modo que têm os significantes de se mostrarem pela insistência. O encontro do eu com o seu duplo<sup>10</sup> provoca uma espécie de questionamento da própria identidade, um ver-se de fora que escancara a cisão, inaugurando a possibilidade da auto-

---

<sup>10</sup> *Estranho e sobrenatural de fato, o encontro com o outro – que percebemos pela visão, pela audição, pelo olfato, mas não “enquadramos” pela consciência. O outro nos deixa separados, incoerentes; mais ainda, ele pode nos dar o sentimento de não ter contato com as nossas próprias sensações, de recusá-las ou, pelo contrário, de recusar o nosso julgamento sobre elas – sentimento de sermos “estúpidos”, “fraudados”.* (KRISTEVA, 1994, P. 196).

crítica ao mesmo tempo em que, pelo retorno do duplo, se provoca o terror. A verdade do eu é sua divisão, diz Souza (1998, p. 155), para quem a tentativa de unidade é um esforço vão de alijar, caçar os direitos do estrangeiro que, desde sempre, mora em nossa casa.

O estranho é algo reprimido que retorna: o real da língua que faz furo, o inconsciente do sujeito que o atravessa, o estrangeiro que ameaça a nossa identidade nacional. O estranho é essa estranheza<sup>11</sup> que está em nós, prova de nossas incoerências e abismos, ou, como diz Freud (1976, p. 301), pode ser verdade que o estranho [unheimlich] seja algo que é secretamente familiar [heimlich-heimisch], que foi submetido à repressão e depois voltou.

O estranho é esse enlace entre os registros simbólico e real que, num átimo, se nos apresenta no imaginário, lugar no qual tudo vem à luz. (...) A experiência do estranho pode indicar um momento de ruptura no tecido do mundo, essa teia de véus, imagens, sentidos e fantasmas que constituem o pouco de realidade que nós é dado provar. (SOUZA, 1998, p. 157)

É como se o estranho nos fizesse dar de encontro com o real, vê-lo atravessar-nos, transir-nos<sup>12</sup>, da mesma forma que, ao entrarmos em contato com uma língua estrangeira, somos postos diante do impossível de dizer que habita a língua, o seu real. O deslocamento entre língua e realidade, quase impensável quando estamos imersos na língua materna, materializa-se ao entrarmos em contato com a língua do outro, que deixa à mostra a opacidade de toda a língua: o não idêntico se faz ver na língua do outro.

Mas pode a língua materna tornar-se estranha? Que experiência é essa que revela Drummond ao falar desse seqüestro de que foi vítima ao encontrar a língua da gramática, ao ser jogado nela? Que estranheza provoca em nós a experiência de desligarmo-nos dessa língua de comer, de amar, de brincar para entrarmos na língua da escola? O que

---

<sup>11</sup> Idem, p. 10.

<sup>12</sup> No sentido cortante que dá à palavra Guimarães Rosa (ROSA, G. Famigerado. In. \_\_\_\_\_. **Primeiras estórias**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.)

faz a escola se não tornar estranho para nós o que era ternamente familiar?

Apesar de ainda iniciais, nossas investigações sobre a noção de estranho relacionada à língua parecem indicar um interessante caminho para se pensar as relações do sujeito com a língua materna em diversas instâncias, como a do ambiente escolar, em que a língua materna parece ganhar um tom de artificialidade e automatismo que a torna não-familiar ao sujeito<sup>13</sup>, que desde sempre se disse por ela. Por isso arriscamo-nos a dizer que pensar o estranho como o familiar que retorna, que emerge pelos furos de língua e sujeito - estruturas cindidas, marcadas pela falta -, possibilita que venhamos a dizer que o estranhamento do sujeito em relação à sua língua materna se dá quando, obrigado a sufocar essa língua familiar, é colocado diante de uma língua outra, do outro português de Drummond, com suas figuras de gramática, esquipáticas, cujo mistério insondável apenas o professor Góes pode resolver. A língua materna torna-se assim uma língua estranha, já que, não mais materialidade de discursos, não mais lugar de sujeitos, despida de suas incoerências e de seus dúbios caminhos (descaminhos), não consegue mais falar ao sujeito, tampouco permitir que ele (se) diga por ela.

Pensar a língua apenas como um sistema homogêneo, depósito de formas e fórmulas prontas, instrumento de comunicação que se entrega, inteiro, para o domínio do falante, cria uma desidentificação do sujeito com a língua, que deixa de se ver como parte dela, que não a reconhece como sua. Longe disso, a língua pode ser vista e compreendida como essa matéria significativa que possibilita ao sujeito, por meio de processos identificatórios, encontrar um lugar no discurso a partir do qual lhe será possível enunciar.

Levar o estudante a substituir sua língua materna por um código lingüístico que lhe é estranho, por uma metalinguagem que nada diz de si ou de sua língua, com o qual ele não se identifica, é tornar estranho para ele o que, antes, era intimamente familiar, transformando-o num

---

<sup>13</sup> (...) as linguagens “estrangeiras” não-naturais, como a escrita ou a matemática, provocam a sensação do sobrenatural na criança. (KRISTEVA, 1994, P. 198).

estrangeiro na própria língua, já que alijado do seguro e conhecimento lar, tateia os corredores de uma casa escura que não mais lhe pertence.

A língua materna, transformada em uma língua estranha, provoca no sujeito a experiência da perda das imagens, palavras e sentidos de que fala Souza (1998, p. 157), cria um hiato entre a sua língua e aquela da qual precisa se apropriar, sobre a qual é obrigado a passar a falar, sem encontrar, no entanto, um lugar a partir do qual possa falar nessa língua. A língua se transforma em um grande sistema de formas exatas a se encaixarem, sem espaços para a inserção do sujeito, sem intervalos, sem possibilidade de que sentidos sejam produzidos; e o sujeito, estrangeiro nesse sistema, vai sendo levado pela engrenagem, imerso nesse mecanismo que se move sem que dele consiga tornar-se parte integrante. É como se essa língua estranha tomasse a forma do autômato de que falou Souza ao retomar as reflexões de Freud sobre o estranho, designando-o como aquilo que rouba o lugar do que deveria ser espontâneo e natural, tão espontâneo e natural que não se faria notar (idem, p. 157).

Talvez muito mais produtivo do que tentar silenciar essa língua materna, língua de nossa identidade, tornando-a estranha ao sujeito, fosse colocar em causa o estranho da língua como esse espaço que foge à norma, esse lugar intervalar entre a regra e o enunciado em que os efeitos discursivos atravessam a língua, mostrando os pontos vazios dessa malha aparentemente fechada. Desse modo, talvez evitemos que venha a se criar entre o sujeito e sua língua materna uma relação hostil, levando-o, antes disso, a olhar a sua língua por outros olhos, a aprender a jogar nas regras e sobre as regras, como nos ensinou Pêcheux (1998, p. 53), trabalhando o estranho como o elemento que possibilita o surgimento do novo. Assim, encontraríamos também a possibilidade de recuperar para o estrangeiro o seu lugar, esse lugar do encontro com a alteridade, encontrando um modo de tornar a estranheza mais leve, como diz Kristeva (1994, p. 10), de retornar a ela para nela (re) conhecer-se.

## Referências

DE NARDI, F. S. Outros dizeres sobre o ensino de segunda língua: um lugar para a tomada da palavra no terreno da opacidade e do real. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

ELIA, L. O conceito de sujeito. . Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. (Psicanálise passo-a-passo, n. 50)

FERREIRA, M. C. L. Análise de discurso e psicanálise: uma estranha intimidade. Cadernos da APPOA. Porto Alegre, n 131, dez. 2004, p. 37-52.

FREUD, S. O estranho. In. \_\_\_\_\_. Obras Completas. Rio de Janeiro: Edição Standard Brasileira, 1976, p. 271-318.

GADET, F. La double faille. In: Actes du Colloque de Sociolinguistique de Rouen, 1978.

JORGE, M. A. C. Fundamentos de psicanálise. De Freud a Lacan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. (Vol. I - As bases conceituais)

JORGE, M. A. C.; FERREIRA, N. P. Lacan: o grande freudiano. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. (Psicanálise passo-a-passo, n. 56)

KOLTAI, C. Política e psicanálise. São Paulo: Escuta, 2000.

KRISTEVA, J. Estrangeiros para nós mesmos. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

MILNER, J. O amor da língua. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.  
\_\_\_\_\_. La obra clara. Lacan, la ciencia, la filosofía. Buenos Aires: Manantial, 1996 (cap. I e II)

PÊCHEUX, M. Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. 3. ed. Campinas: UNICAMP, 1997.

\_\_\_\_\_. Sobre a (des)construção das teorias lingüísticas. Cadernos de Tradução. Instituto de Letras/UFRGS, nº 4, outubro de 1998, p.35-55.

REVUZ, C. A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. In: SIGNORINI, I. (Org.) *Lingua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas: Mercado das Letras, 1998. p. 213-230.

SOUZA, N. S. O estrangeiro: nossa condição. In. KOLTAI, C. (org.). *O estrangeiro*. São Paulo: Escuta, FAPESP, 1998, p. 155-163.